



A VOZ ROUCA

que não se cala

#18 SP

avozouca.org

f A Voz Rouca

PEDAGOGIA DA PRECARIZAÇÃO

o trabalho de assistentes e estagiários

Qualquer um que trabalhe em escola sabe como está difícil para os professores. Precarização e o aumento controle sobre trabalho docente estão transformando a educação em um verdadeiro inferno. Entretanto, o cargo de professor ainda é o que conserva as melhores condições de contrato dentro das escolas.

Cresce cada vez mais o número de colégios que dependem do trabalho de estagiários, assistentes, monitores e plantonistas – mal pagos e com contratos precários

– para funcionarem. Em várias escolas prestigiadas por seu projeto pedagógico "avançado", até um terço do corpo pedagógico é formado por estudantes de graduação "em formação", que trabalham como loucos.

São educadores descartáveis, que enfrentam um vínculo contratual frágil e uma forte repressão para se organizar. Só que a precarização de uma parte dos trabalhadores da educação abre espaço para que todos sejam ainda mais explorados. Por isso nós precisamos estar juntos!

Enxergando a necessidade de falar sobre o trabalho de assistentes e estagiários para lembrarmos e tentarmos criar formas de organização, um grupo de trabalhadores que estão nessas funções em escolas variadas se reuniu para escrever este boletim falando das nossas condições de trabalho e de algumas experiências de luta.



Fogo cruzado

Uma coisa bem difícil da posição do estagiário ou assistente é a relação com os professores. Outro dia o professor com quem eu trabalho descobriu que os assistentes não recebem os 5% de hora-atividade e ficou chocado! Será que agora ele vai passar menos coisa para eu fazer em casa?

Também é desconfortável quando os professores pedem que você tome atitudes ou conduza atividades das quais discorda pedagogicamente. Mas é ainda pior quando pedem pra você fazer coisas que deveriam ser feitas pelo professor, como corrigir provas, preparar aulas ou fazer relatórios... e você precisa fingir para a coordenação que foi ele que fez.

Às vezes, o professor dá uma ordem e a coordenação diz o oposto. E quem fica no meio do fogo cruzado é o assistente ou estagiário, sem saber a quem obedecer. Ao mesmo tempo, acontece também que a coordenação peça para você avaliar o trabalho do professor e isso nos coloca numa posição muito difícil, porque se aumenta o controle sobre o trabalho do professor, aumenta sobre o nosso também.

No fundo percebo que a forma como a escola é organizada é que cria esses atritos entre professores e assistentes. Se o professor não estivesse tão sobrecarregado de trabalho, não passaria tanto trabalho para a gente. Só vamos conseguir melhorar nossas relações se resistirmos juntos.

Tá na Convenção!

"A categoria dos Professores abrange todos aqueles que exercem a atividade docente, independentemente da denominação sob a qual a função de ministrar aulas for exercida".

"A categoria dos Auxiliares de Administração Escolar compreende todos aqueles que, sob qualquer título ou denominação, exercem atividades não docentes em Escola".

Administrativo ou pedagógico?

Em boa parte das escolas particulares, assistentes e estagiários desempenham uma série de atividades docentes: ministrar aulas na ausência de um professor, planejar atividades, preparar materiais didáticos, corrigir provas e trabalhos... No colégio onde trabalho, sempre fiz um pouco de tudo isso. Mas, apesar de participar das reuniões de professores e realizar trabalho pedagógico e não administrativo, sou contratado como "auxiliar de administração escolar"!

Ao lado do estágio remunerado, essa é outra forma amplamente difundida de precarização da atividade docente. É um jeito encontrado pelas escolas para pagar valores abaixo do piso da categoria e excluir os assistentes dos direitos assegurados pela convenção coletiva dos professores.



Professora tampão

Tarde de terça-feira. A professora é chamada pela direção para conversar, enquanto isso eu (estagiária) devo assumir a sala. Não que alguém tenha me consultado. Mas "vai ser rapidinho", eles falaram. Vinte minutos depois a professora retorna, pega a bolsa, olha para mim com expressão de quem vai comprar cigarros e nunca mais voltar e diz: "eu só vou ali, tá". Ela não voltou mais naquele dia, e nem no outro. Os boatos na sala dos professores dizem que foi demitida. "Quem ficará em seu lugar?", pergunto inocentemente, o som das risadas indica que sou eu.

Quatro meses se passam. Embora o salário continue o mesmo, agora tenho duas funções, estou exausta, mas sinto que estou no caminho certo, as crianças já não se atacam como antes, agora eu faço planejamento de aula, consigo dar uma atividade até o fim, estou conquistando a sala, me sinto confiante! Tudo está sob controle! Até o dia em que batem na minha sala, interrompem a história que eu estava lendo para a minha turma e dizem que chegou a nova professora.

– Como assim? Eu sou a nova professora!

– Não é não, se coloque em seu lugar, você é só uma estagiária. Esse tempo foi para acharmos alguém.



Sempre em atraso

Assistente não tem recesso: chega julho ou janeiro, enquanto os professores saem de férias, somos obrigados a ir à escola vazia. Em uma escola onde trabalhei, a direção inventava todo tipo de tarefas pra ocupar a gente nesses períodos: desde trocar cadeados dos armários de alunos e esvaziar os achados e perdidos, até produzir fichas de atividades.

As chamadas “Atividades de Atraso” eram aplicadas para os alunos que ficavam de fora da sala quando atrasavam, e podiam ser sobre qualquer tema. Todo semestre exigiam que a gente fizesse três fichas novas, mesmo já tendo centenas acumuladas, e nunca dava tempo de terminar. No fim, quem sempre acabava atrasado éramos nós.

Como a gente tinha uma parceria forte na equipe de assistentes, começamos a inventar umas formas de sabotar essa demanda. Já que a atividade não tinha tema definido, teve um ano que todo mundo fez fichas sobre assuntos polêmicos (transexualidade, racismo, grupos terroristas, tortura da CIA no Iraque, greves) só pra dar dor de cabeça na coordenação. Depois, fomos criando a cultura de boicotar a entrega: a escola pedia três, mas entregávamos duas, uma, nenhuma... Não foi uma ação política coordenada, partiu mais da nossa amizade, mas teve efeito: no recesso seguinte, a escola só cobrou uma ficha por assistente.



Hora-extra?

Era meu primeiro mês de estágio na escola. Meu horário terminava às 16h, mas fiquei na escola até as 17h cortando e lavando salada para uma atividade que aconteceria no dia seguinte, como fui solicitada. Depois de colocar essas horas na folha de ponto, a coordenadora me chamou, avisando que havia passado branquinho e colocado o correto (16h), pois não poderia pagar a hora-extra. Se não poderia pagar, porque solicitou? Por lei, os estagiários não podem fazer hora-extra nem manter um banco de horas, mas exigir mais tempo de trabalho sem pagar é uma prática comum nas escolas particulares. Várias vezes fui chamada para auxiliar na saída dos alunos no final do horário de aula, e isso muitas vezes excedia meu horário, sem que eu pudesse colocar essas horas na folha de ponto.

Estagiários e assistentes também não recebem nenhum adicional para planejamento de atividades, como a hora-atividade dos professores. Ainda assim, a escola exigia que os estagiários fizessem a tabulação de faltas e o planejamento de atividades para o intervalo em casa.



TESTE DA PRECARIZAÇÃO

Assinale o que você tem que aturar ou já teve que fazer e some os pontos para descobrir o quão zoado é o seu trabalho:

- ☐ **Cuidar dos achados e perdidos** (-5 pontos)
- ☐ **Controlar saída de alunos** (-10 pontos)
- ☐ **Organizar o trânsito dos pais** (-10 pontos)
- ☐ **Não tem horário de intervalo** (-20 pontos)
- ☐ **Dar aula sem contrato de professor** (-20 pontos)
- ☐ **Dar almoço ou almoçar com os alunos** (-10 pontos)
- ☐ **Até hoje o RH não assinou seu contrato** (-15 pontos)
- ☐ **Não tem direito ao recesso** (-20 pontos)
- ☐ **Fazer horas-extras sendo estagiário** (-10 pontos)
- ☐ **Não recebe pelas horas-extras** (-20 pontos)



Greve é greve

Embora estagiárias e estagiários não pertençam à mesma categoria daqueles que acompanham todos os dias nas escolas, muitos de nós em breve podemos nos tornar docentes. Tendo isso em mente, quando professores e professoras deram início ao movimento de defesa à convenção coletiva, em 2018, os estagiários de uma escola da zona sul de São Paulo, decidiram posicionar-se contra o fim da convenção coletiva e aderir à greve.

O colégio conta com um vasto "programa de estágio", que emprega cerca de 60 pessoas. A muitas mãos, foi escrita uma carta em nome dos estagiários da Educação Infantil ao Ensino Médio explicando à instituição o porquê da paralisação.

Como em muitas escolas, a coordenação contava com os estagiários para receber as crianças e assumir as salas durante a greve dos professores. Não naquele dia! Depois da paralisação, porém, tivemos que escutar que a carta era uma traição, porque, além de ter sido decidida em cima da hora, nossa adesão não fazia sentido. Mas a greve não é um direito de todos os trabalhadores e nossa ação foi importante para fortalecer o movimento dos professores!

RODA DE CONVERSA DE ASSISTENTES E ESTAGIÁRIOS

Queremos continuar nos encontrando e pensando juntos sobre nossas condições de trabalho, por isso convidamos todos para uma roda de conversa no fim deste mês.

27/06 | 17:30 | FEUSP
saguão do 1º andar do bloco B da faculdade de educação da USP

Quem tem medo do RH?

Trabalhei dois anos numa escola renomada da zona oeste que se gabava por ter os professores mais bem formados e preparados. Apesar dos educadores serem de fato muito competentes, quase metade do quadro pedagógico era composto por estagiários. Em grande número, formamos grupos de amizade que serviram para nos apoiarmos mutuamente e paralisar as atividades junto com os outros professores na greve geral de 2017.

Depois da paralisação, um de nós recebeu uma ligação do RH dizendo que a renovação do contrato, que normalmente era automática, estava sob análise. A gente não tinha força pra fazer um enfrentamento político aberto, dizer que era uma retaliação, mas conseguimos bolar outra tática: de maneira quase espontânea, todos os estagiários foram bater na sala do RH perguntar da sua situação individual, demonstrando preocupação e que estavam cientes do que estava rolando com os seus colegas. Junto a isso, espalhamos a informação para alguns professores mais próximos. A ação foi simples, mas conseguiu mostrar que a direção podia sair desgastada e, no fim das contas, o estagiário teve seu contrato renovado e o RH teve que garantir a todos que não precisávamos nos preocupar.

Dupla jornada

Para mim, uma das piores coisas de ser estagiária é ter que trabalhar e estudar. O trabalho por si só já é puxado, mas a dupla jornada de trabalho e faculdade (que chega a somar 10 horas ou mais é o que mata). É pior ainda no final de semestre, quando o fechamento de notas na escola coincide com as entregas de trabalho e provas da faculdade. Claro que seria mais fácil se as escolas de fato liberassem a gente mais cedo quando temos prova, como consta na lei de estágio... O transporte entre um lugar e o outro complica mais a situação, já que muitas vezes o passe livre ou o vale transporte não dão conta de tantas passagens e você acaba tendo que tirar do bolso, sem falar no cansaço de pegar o ônibus, metrô e trem cheio várias vezes no dia.

